



# Reexaminando a interpolação de *não*: estudo num corpus de português clássico e moderno<sup>1</sup>

Mikołaj Nkollo (Poznań)

## RESUMO

O assunto central é a interpolação, isto é a falta da adjacência clítico-verbo no português clássico e no início da fase moderna. Naquela altura, o marcador da negação predicativa foi a única expressão capaz de alterar a continuidade da sequência clítico-verbo. No artigo pretendem-se alcançar dois objetivos. O primeiro é o confronto de algumas afirmações prévias acerca da sintaxe desse modelo linear com os dados extraídos de um corpus. A análise demonstra que, ao longo do período discutido, a interpolação se verificava igualmente fora dos contextos de próclise obrigatória. As suas ocorrências atestam-se em quatro posições estruturais onde imperava a variação livre: ênclise — próclise e onde a ênclise é obrigatória hoje em dia. O segundo objetivo relaciona-se com a sobre-representação dos clíticos objeto direto da 3ª pessoa nas sequências com a interpolação. Demonstra-se que a não-adjacência clítico-verbo pôs termo aos laços morfo-fonológicos que uniam o pronome a certos proclisadores a ele antepostos (os ditongos nasais em *não*, *quem* fazendo com que a sequência se revestisse, por vezes, da forma *quem no*, *não no*). Uma vez invertida a ordem das sílabas, deixou de poder ocorrer na posição pré-verbal a alomorfa específica aos clíticos. Assim, as alterações específicas à morfologia pronominal só se manifestam na ênclise no PE atual.

## PALAVRAS-CHAVE

corpus, interpolação, colocação não-afixal, alomorfa específica aos clíticos, inserção do ataque

## ABSTRACT

The central topic of the paper is interpolation (clitic-verb non-adjacency) in Classical and early Modern European Portuguese (EP). In that period, the *não* negative marker was the only expression eligible to break the continuity of clitic-verb sequences. The aims of the study are twofold. First, previous assumptions on the syntax of this linear model are matched against corpus data. The present analysis demonstrates, first, that interpolation was allowed outside obligatory proclisis contexts. They correspond to the presence of the *não* negative in four structural positions where enclisis and proclisis were freely interchangeable in previous stages and where enclisis is nowadays mandatory. The second aim is to account for the overrepresentation, underpinned by corpus data, of 3<sup>rd</sup> person direct object pronouns in sequences with interpolation. Interpolation is claimed to have enabled speakers to get rid of morpho-phonological ties between the *o*, *a*, *os*, *as* series and the preceding non-verbal sound material (nasal diphthongs in *não*, *quem*, etc, coercing pronouns into taking a nasal onset *quem no*, *não no*, etc.). As a consequence, in contemporary standard EP, clitic-specific allomorphy is earmarked for enclisis.

## KEYWORDS

corpus, interpolation, phrasal attachment, clitic allomorphy, onset insertion

## DOI

<https://doi.org/10.14712/18059635.2019.1.6>

---

<sup>1</sup> O estudo recebeu o apoio financeiro por parte do Centro Nacional de Ciência (Narodowe Centrum Nauki) no âmbito do projeto UMO-2016/22/M/HS2/00168.

## 1. ESBOÇO DO PROBLEMA

Mais do que pretender escrever de novo a história da interpolação no português europeu (PE), o estudo que se apresenta em seguida visa, antes que tudo, reexaminar algumas das propriedades distributivas das construções onde o clítico ocorre separado do verbo. Estas propriedades, por mais que tenham sido mencionadas nos estudos anteriores, nem sempre resistem ao confronto com os dados autênticos. Uma vez terminada a observação, tentar-se-á alcançar um objetivo mais exigente: ver como a distribuição previamente descrita pôde repercutir-se na colocação dos clíticos ao iniciar-se, na primeira metade do século XIX, a fase contemporânea do PE (segundo a periodização proposta por Castro 2006: 158–164, 188–193). O enquadramento temporal do presente estudo localiza-se entre a primeira metade do séc. XVII e os meados do séc. XIX, período esse que corresponde à interpolação exclusiva de *não*. Obviamente, o confronto das afirmações anteriores com os dados empíricos exige um número elevado de exemplos autênticos, pelo que a presente análise se fundamenta num *corpus* compilado a partir dos textos disponibilizados pela Biblioteca Nacional Digital.

O artigo está organizado de modo seguinte: a secção 2 entretetece o perfil histórico da interpolação com um resumo das propriedades a ela associadas. Na secção 3 estão expostos os princípios que presidiram à composição do *corpus*. Ao lado das questões técnicas que a linguística do *corpus* costuma enfrentar, identificam-se em pormenor os contextos em que ocorre a interpolação e aqueles em que ela está omissa, apesar de ter estado possível. Sendo ambos os contextos agrupados num só conjunto — o dos contextos propiciadores da interpolação — o reconhecimento destes será um pré-requisito para que seja corretamente determinado o escopo do fenómeno no período em análise. A secção 4 destina-se às interpolações fora dos contextos de próclise obrigatória. Nos estudos prévios dedicados ao assunto, a existência destas estruturas não foi consensual. Na melhor das hipóteses, as ocorrências das interpolações não-dencadeadas foram classificadas de ‘reduzidíssimas’ (Martins 1994: 188). Tanto mais interesse deveria despertar o contributo dos exemplos autênticos. Na secção 5, demonstra-se que ambos os padrões lineares (adjacência e não-adjacência) nem sempre se assemelhavam, opondo-se pela frequência de vários tipos de pronomes que neles ocorriam. Prevalciam na interpolação os pronomes objeto direto da 3ª pessoa, ao passo que os restantes possuíam uma distribuição mais equilibrada. Com base nesta observação, será estudada a incidência da interpolação do marcador negativo no surgimento do sistema contemporâneo dos clíticos. O encerramento porá em ordem os resultados prévios, voltando a corroborar a análise com os dados do *corpus*.

Aparentemente, procurar uma análise aprofundada da interpolação de *não* no português clássico é uma tarefa oca e espoliada do valor logo à partida. Com efeito, segundo declara A. M. Martins (1994: 307–308), ao longo do período enfocado os dois modelos lineares alternavam entre si, dependendo apenas das preferências individuais de autores. Dito isto, parece que não resta muito para acrescentar. Como observam alguns estudiosos, a partir das variações com carácter individual não se deve depreender automaticamente que uma mudança gramatical está efetivamente a decorrer (Stark 2013: 149, 166–167). Assim sendo, em vez de anunciarem a vinda de uma gramática dos clíticos inovadora, os séculos XVII a XIX apenas constituem uma fase



transitória na história da interpolação. Coube-lhe atuar como uma mera ponte entre duas gramáticas bastante diferentes relativamente ao modo como nelas costumava ser tratada a interpolação. No entanto, alguns cálculos efetuados no *corpus* parecem prometedores, podendo esclarecer como se deu a passagem de uma colocação maioritariamente morfológica dos clíticos pré-verbais no português clássico para a atual colocação pós-lexical.

## 2. ESBOÇO HISTÓRICO: ESTADO DA ARTE

Numa etapa inicial, documentada logo desde o início da tradição escrita portuguesa (Fiéis 2001: 198–199), qualquer constituinte sintático, independentemente da sua extensão, era capaz de ocorrer posposto ao pronome e anteposto ao verbo. Tão pouco houve restrições quanto ao número de itens interpolados, fazendo com que os textos contivessem com frequência interpolações múltiplas (Martins 2016b: 421). É o denominado período da interpolação ‘generalizada’. Obviamente, foi naquela altura privilegiada a inserção do marcador da negação predicativa. A sua frequência superava a dos demais constituintes interpolados, atingindo, entre os séculos XIII e XVI, taxas de incidência acima dos 90 por cento de todos os contextos possíveis (Martins 2016b: 422–423). Não obstante tamanha liberdade, o funcionamento das sequências interpoladas não era completamente isento de restrições, obrigando os falantes a cumprir alguns requisitos ligados ao encadeamento de várias expressões. Estas não eram colocadas simplesmente ao acaso. Na hipótese de uma série interpolada conter um sujeito, este sempre encabeçava a sequência (Fiéis 2001: 205–207). Ao invés, no caso de ser nela incluído igualmente um *não*, este surgia sempre diretamente anteposto ao verbo, i.e. no fim da série (Raposo 2000: 278–279). Quanto aos mecanismos sintáticos que geravam tanta liberdade, o português arcaico era, em medida muito superior à de hoje em dia, uma língua não-configuracional (veja-se Ledgeway 2012 pelas noções de finitórias e exemplos latinos). Quer isto dizer, que nalguns agrupamentos sintáticos, raramente vigorava o requisito da contiguidade dos seus elementos. Apesar de serem hierarquicamente relacionados, estes elementos ocorriam de vez em quando à distância, estando dispersos (ingl. *scrambled*; veja-se Costa e Martins 2010: 59–61) por vários *loci* dentro de uma frase. Da mesma forma, era variável o posicionamento mútuo dos componentes dos sintagmas formados por um termo sintaticamente subordinado e o seu subordinante. Assim se explica a presença dos complementos infinitivos antes da forma verbal conjugada, ou ainda dos predicados adjetivais antepostos à cópula verbal. À medida que ia se perdendo o parâmetro da localização à distância, começou a recuar concordantemente a interpolação irrestrita. O processo estendeu-se por vários séculos a julgar pelas frequências decrescentes da interpolação nos textos portugueses dos séculos XIV a XVI. Apenas um item resistiu à erosão — o marcador da negação predicativa.

Em consequência, por volta dos meados do século XVII, raras vezes se encontram os textos com outras expressões além do próprio *não* a separar o clítico e o verbo. Costumavam, então, competir entre si duas gramáticas: a antiga onde o parâmetro de *scrambling* ainda tinha deixado alguns rastros, e a mais moderna, na qual tal proprie-

dade já tinha sido definitivamente extinta (Magro 2010b: 130). Assim surgiu a variação motivada por meras preferências individuais. Com efeito, ao serem analisados os dados do *corpus*, nenhuma linha divisória discrimina, sob o ponto de vista da frequência da interpolação de *não*, os textos literários e não-literários, ou ainda os que pertencem ao polo distante ou ao polo próximo, conforme a dicotomia proposta por Koch e Oesterreicher (2011: 135, 148–152).

Finalmente, a interpolação moderna, documentada a partir dos anos trinta do século XIX, afasta-se das que se documentam nas fases anteriores do PE pelas propriedades seguintes: a) o marcador *não* deixa de ser a única expressão interpolada, ainda que mantenha a sua posição dominadora comparativamente à frequência das demais expressões; b) ao contrário das interpolações que se verificam no português arcaico, é semanticamente restrita. Tal como o comprovam os estudos de C. Magro (2010a: 107–108), além do marcador da negação, apenas afetam a contiguidade do clítico e do verbo as expressões com um valor déitico. Pertencem ao conjunto os signos que transmitem informação acerca de pessoa, espaço, tempo, aspeto e modo. Além do mais, segundo se deduz dos dados dialetais, existem poucas restrições quanto à natureza morfológica dos termos interpolados. Igualmente, voltaram a ser admitidas as interpolações múltiplas. Relativamente aos mecanismos gramaticais que possibilitam o processamento acima descrito, trata-se de uma operação transpositiva pós-sintática cujo desfecho são reduplicações e metáteses, tomadas nesta ordem (Harris e Halle 2005: 199–201). Numa sequência como *Se eu o soubesse*, é ativado o processo [copiar], que manipula o grupo constituído por *eu* e *o*, dotados do traço [+ dependente], inerente aos pronomes argumentais. Assim se chega à *Se eu o eu o soubesse*. Numa segunda etapa, estão apagados os segmentos liminares, ou seja ‘o eu’, resultando na sequência *Se o eu soubesse* (veja-se Magro 2010b: 127–130 para mais pormenores).

É curioso a interpolação contemporânea ter sido iniciada, segundo mostram os dados extraídos do *corpus*, nas obras literárias. Dali em diante, a sua frequência ia diminuindo até atingir os valores que não ultrapassam a mera fração do que representa atualmente a adjacência clítico-verbo. Entretanto, tem igualmente evoluído o seu perfil sociolinguístico. Sendo a interpolação escassa na produção literária atual, é o português dialetal que mais propicia as suas manifestações na linguagem falada (Magro 2010a: 106–107; Martins 2016b: 423). No que diz respeito aos julgamentos de aceitabilidade, apesar das divergências, a maioria dos peritos considera-a normativa (veja-se p.ex. Luís 2014: 223–224). Seja como for, a interpolação continua a ser um padrão linear minoritário, mas vivo no português contemporâneo.

Resumindo, apesar de a interpolação exclusiva do *não* se estender por quase duzentos anos, o seu estudo parece pouco convidativo. O pouco interesse por ela despertado relaciona-se com o facto, assinalado por A. M. Martins que ‘não há nenhuma evolução a registar’ (Martins 1994: 308). No entanto, no estudo que se segue, tentar-se-á identificar algumas áreas de interesse. Como é óbvio, uma prova suficientemente representativa de dados autênticos é um pré-requisito essencial para que tal objetivo possa ser alcançado.





### 3. O CORPUS E O RECONHECIMENTO DOS CONTEXTOS PROPICIADORES DA INTERPOLAÇÃO

Entram no *corpus* os dados recolhidos em 44 textos (tanto os textos integrais como os excertos contínuos) publicados entre 1614 e 1858. Agrupam-se dentro desse material vários tamanhos, géneros literários (exceto a poesia) e tendências estilísticas. Além do mais, procurou-se obter uma prova suficientemente diversificada no que diz respeito aos graus de formalidade e destinatários (coletivos vs. individuais, anónimos vs. conhecidos de antemão). Finalmente, segundo se pode deduzir do teor das obras recolhidas e do requinte gramatical e lexical delas, os autores opõem-se pelo grau de educação, representando variadíssimos níveis do domínio da língua portuguesa. Só faz falta um dos parâmetros habitualmente tidos em conta na linguística variacionista. Por escassearem na BND os textos escritos por mulheres no período aqui discutido, não foi possível inclui-los no *corpus*. Apesar de algumas das obras serem anónimas, nada faz presumir a autoria feminina delas (veja-se p.ex. Donaldson 2014: 334-338, para um estudo de como as distinções nesse aspeto podem repercutir-se na gramática). Além do mais, entre os textos do século XVII só foram selecionados os que representam a fase transicional, isto é, aqueles em que a interpolação se realiza somente por meio de *não*<sup>2</sup>.

O total das ocorrências de pronomes clíticos, em qualquer configuração, nos textos que se estendem por 243 anos do nosso *corpus* atinge as 13.708 incidências. Uma vez que nas obras disponíveis na BND não foi possível efetuar uma pesquisa automática, todas as ocorrências foram extraídas e anotadas manualmente. Em suma, foram identificados 784 contextos propiciadores da interpolação, abrangendo aproximadamente 5.72 por cento da totalidade dos casos. Formam esse conjunto, não apenas as sequências (desencadeador)-*não*-cl-verbo e (desencadeador)-cl-*não*-verbo, mas também os casos da ênclise. Tal se verifica no caso onde o pronome segue uma combinação formada por um verbo conjugado e uma forma infinita a ele posposta (séries multiverbais ou predicados complexos; cf. Luís e Kaiser 2016: 217-218). Significa isto que o escopo do fenómeno ultrapassa o mero domínio pré-verbal. Os resultados encontram-se resumidos no quadro 1 abaixo, indicando um marcado desequilíbrio entre o século XVII e os séculos subsequentes no que diz respeito à frequência da interpolação de *não*.

2 Apenas um texto, relativamente tardio (1650), afasta-se do dito critério: a crónica de Bento Teixeira (<http://purl.pt/28100>). A decisão de inclui-la no corpus explica-se pelos seguintes motivos: não existem interpolações múltiplas, registam-se apenas duas exceções no que diz respeito aos itens interpolados (os advérbios *bem* e *melhor*; cf. ..., *tomando o q̃lhe melhor pareceo com grande feſta*; p. 48). Além do mais, em numerosas obras publicadas com antecedência no decorrer do século XVII, *não* é já a única expressão a ocorrer interpolada. Nessas circunstâncias, mais do que representar uma gramática antiquada (com o parâmetro *scrambling* ativo), Teixeira pôde tentar matizar o seu texto, conferindo-lhe assim um ar arcaizante. Com efeito, os dois exemplos da estrutura caída em desuso parecem estranhos no interior de sequências mais modernas, onde só *não* separa o clítico e o verbo.

	sequências com clíticos	contextos propiciadores da interpolação	não-adjacência vs. adjacência clítico-verbo	frequência do padrão cl-não-verb (percentagem)
Séc. XVII (13 textos)	4.130	287	246:41	85,71%
Séc. XVIII (15 textos)	5.317	276	192:84	69,56%
Séc. XIX (16 textos)	4.261	221	142:79	64,25%
Total (44 textos)	13.708	784	580:204	73,97%



**QUADRO 1.** Distribuição cronológica da interpolação de *não* e da adjacência clítico-verbo

A tomada em conta da sequência com a ênclise ao infinitivo justifica-se pela sua equivalência semântica à de dois modelos em que o pronome se coloca à esquerda do verbo, ou seja: (a) *cl-não-V<sub>fin</sub>-V<sub>inf</sub>*, (b) *não-cl-V<sub>fin</sub>-V<sub>inf</sub>* e (c) *não-V<sub>fin</sub>-V<sub>inf</sub>-cl*. Comprovam a sinonímia dos três padrões os exemplos abaixo, em que os infinitivos acompanham um só verbo conjugado, hierarquicamente superior ao infinitivo. Tecnicamente, o padrão (c) deve-se à falta da subida do clítico. Entende-se por esta última a extração do pronome hospedado na oração infinitiva (sendo ela o seu lugar primário, pelo facto de o clítico representar um dos argumentos do infinitivo). Uma vez extraído, o pronome passa para junto de um verbo finito que introduz o infinitivo a título do seu complemento (Martins 2000: 169–171; Anderson 2005: 245–247). A ênclise ao verbo não finito é um padrão linear em crescimento só a partir do Português Médio, tendo sido praticamente inexistente nos textos da fase mais arcaica (Martins 2016a: 19–20). Relativamente aos contextos propiciadores da interpolação registados no nosso *corpus*, a subida do clítico já se verifica com pouca frequência (24 ocorrências), sendo a ênclise ao infinitivo acentuadamente maioritária (49 ocorrências).

- (1a) *E a que teue, hauer fido fomite de alguns particulares, perfuadidos com grandes merces, ã fem estarem em Cortes, a não podiaõ dar, & a fentença, ã despois alcançou, ...* (1641. Assento feito em cortes pelos tres estados dos Reynos de Portugal; pág. 20)<sup>3</sup>
- (1b) *Mas o segundo, fallando por fi mefmo nos triftes, admira, que não o pudeffemos julgar penalizado ...* (1785. José Anastácio da Silva e Fonseca. *Conclusões de rhetorica, e poetica*. Cap. VII; pág. 8)<sup>4</sup>
- (1c) *Segundo os Rabbinos temos no fim do espinhaço hum offo, que não pode o fogo confumillo, nem força alguma quebrallo* (Pedro Norberto de Aucourt e Padilha 1759. *Raridades da natureza, e da arte, ...* Parte VII. §.VIII. *Amianto, e outros corpos incombuftiveis*; pág. 500)<sup>5</sup>

<sup>3</sup> <http://purl.pt/12093> [17/10/2018].

<sup>4</sup> <http://purl.pt/16610> [15/10/2018].

<sup>5</sup> <http://purl.pt/13915> [20/10/2018].





Fica por esclarecer a razão pela qual o marcador negativo tem sido interpolado com tanta persistência ao longo da história do PE. Foi inúmeras vezes sublinhada a importância da negação para a compreensão do significado integral do enunciado. Quando a negação passa despercebida, a compreensão torna-se completamente errada (Dryer 1988: 99, 102). Ao contrário do cálculo das proposições no qual o marcador tem no seu escopo a frase inteira, nas línguas naturais os sujeitos raramente são afetados (Zanutini 2001: 511). Em vez deles, são as combinações verbo-objeto que se encontram no escopo do marcador (negação predicativa).

O grau de interligação destes dois constituintes ultrapassa o que une as demais expressões ao verbo. De facto, enquanto marcador de negação predicativa, *não* forma com o verbo (ou com o auxiliar nas formas compostas) um agrupamento sintático que não pode ser fragmentado. Aplica-se aos seus elementos a noção de c-comando, isto é, uma relação entre duas unidades, das quais nenhuma domina a outra, sendo ambas imediatamente dominadas por uma só categoria superior (Matos 1999: 186-187; Matos 2003: 774-776). Do mesmo modo, nos esquemas de índole minimalista, *não* eleva-se e acaba adjunto ao mesmo nó em que se agrupam as características flexivas do verbo (tempo-aspeto-modo). Assim, ambos os constituintes passam a formar uma unidade não apenas sintática, mas também linear, mesmo a despeito da presença de um pronome átono ('[the domain of negation] includes the elements the negative marker incorporates into and c-commands, but excludes the subject and the other preverbal constituents'). Nesta perspetiva, a interpolação teria sido o resultado da incorporação do marcador na negação no verbo, devendo o processo ocorrer antes do *Spell-Out* (Matos 1999: 186).

Além do mais, os estudos tipológicos do sequenciamento das unidades sintáticas demonstram que aquelas que são semanticamente próximas tendem a ocorrer justapostas (é a faceta semântica do conceito de configuracionalidade; veja-se Ledgeway 2012). Assim, *não* e a forma verbal adjacente teriam melhor retratada a ideia de o falante pretender referir-se a um só facto. Esta união semântica era capaz de fazer com que os falantes resistissem menos a transgredir o requisito da adjacência do clítico ao verbo.

#### 4. INTERPOLAÇÃO FORA DOS CONTEXTOS DA PRÓCLISE OBRIGATÓRIA

Como em cima foi aludido, os dados provenientes do *corpus* não condizem com algumas afirmações prévias, reiteradas em várias obras dedicadas ao assunto. Trata-se do requisito imposto às frases com a interpolação: esta só se verifica na condição de o clítico ser precedido por uma expressão (chamada *exordium*) que obrigue a antepô-lo (veja-se por exemplo Hinzelin 2010: 332 '*L'exordium est un élément introducteur tel que le complément, pronom relatif, pronom interrogatif, etc. dont la présence s'impose pour que l'interpolation soit admise*'; cf. igualmente Magro 2010a: 109). Daqui depreende-se que o clítico não ocorre separado do verbo se o *exordium* está ausente, ou seja, não existe interpolação não desencadeada. Aliás, os contextos propiciadores da interpolação de *não* são iguais aos contextos de próclise obrigatória, com uma notável exceção: sendo o marcador negativo ele próprio diretamente anteposto ao verbo, os pronomes clíticos não se encontram no seu escopo.



Estas declarações têm uma certa fundamentação observacional na medida em que se baseiam no seguinte raciocínio: por serem ambos os padrões lineares, adjacência e não-adjacência, mutuamente substituíveis, e por ser a próclise no PE forçosamente desencadeada (Duarte e Matos 2000: 117–121, 135–137; NB. os contextos da próclise obrigatória mantiveram-se praticamente intactos ao longo da história do PE), a interpolação deve partilhar esta propriedade com ela. Uma das vantagens que estas afirmações oferecem é assinalar que é vedada a presença dos clíticos na posição inicial absoluta de uma frase. Bloqueia-a o próprio exordium (cf. *Ainda lhes não telefonei* vs. *\*Lhes não ainda telefonei* / *\*Lhes ainda não telefonei*). O defeito dessas propostas consiste numa projeção irrefletida dos traços gramaticais contemporâneos sobre as fases históricas da sintaxe pronominal portuguesa. Ao contrário do PE atual, em que a próclise não pode ser senão desencadeada, no português clássico verificavam-se quatro desvios desta regra. Em todos eles imperava a variação livre: próclise vs. ênclise (Martins 2016b: 416), ao passo que atualmente vigora neles a ênclise. Ao longo do período discutido, a próclise prevalecia naqueles contextos, enquanto a ênclise só lentamente ia abrindo o seu caminho. Em nenhum dos exemplos abaixo há desencadeador de próclise.

(I) orações raiz encabeçadas por um verbo (V1) com uma subordinada anteposta

- (2a) *Vindo às coufas particulares, **fizeramse** este anno tres miffoens ...* (1660. António Vieira. *Copia de hvma carta para ElRey N. Senhor*; pág. 4)<sup>6</sup>
- (2b) *..., e depouys de examinados, & julgados por legitimamente catiuos, **os recebẽ** ...* (1660. António Vieira. *Copia de hvma carta para ElRey N. Senhor*; pág. 5)<sup>7</sup>

(II) orações raiz V1, introduzidas pelas conjunções coordenativas *e, mas, pois* (Hinzelin 2007: 32–33, 35)

- (3a) *Efta doutrina he tranfcente por todas as partes do Difcurfo á proporção; **mas re-commenda-fe** muito mais nos Exordios, ...* (1785. José Anastácio da Silva e Fonseca. *Conclusões de rhetorica, e poetica* §.XI; pág. 12)<sup>8</sup>
- (3b) *Receberão suas communições, e **as transmitirão** ...* (1823. Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque. *Ideas sobre o estabelecimento da instrucção publica*; pág. 34–35)<sup>9</sup>

(III) deslocação à esquerda clítica (CLLD)

- (4a) *...: quanto aos mais, **se lhes juntarão** á hora da partida, ...* (1834. Horrosa mortandade, ... *Relação das pessoas*; pág. 20)<sup>10</sup>

6 <http://purl.pt/16556> [20/10/2018].

7 <http://purl.pt/16556> [20/10/2018].

8 <http://purl.pt/16610> [17/10/2018].

9 <http://purl.pt/6412> [19/10/2018].

10 <http://purl.pt/31011> [13/10/2018].





(4b) *Esta doutrina, posto que tenha vantagens no presente, **reputo-a** sobretudo importante pelo seu alcance, ...* (1858. Alexandre Herculano, *Carta aos leitores ...*, pág. 3)<sup>11</sup>

(IV) orações raiz com um sujeito pré-verbal abertamente expresso

(5a) *Os primeiros habitantes do orbe terrestre **cobriram-se** com as folhas das arvores ...*  
(*O correio das damas, ...* Janeiro 1836 n. 1; pág. 3, col. 2)<sup>12</sup>

(5b) *... os guardas destes **o apreenderam**, e carregando-o de ferros, o conduziram á presença do tyranno.* (*O correio das damas, ...* Janeiro 1836 n. 1; pág. 6, col. 2)<sup>13</sup>

Impõe-se mais uma restrição sobre o último modelo acima assinalado: a ênclise e a próclise variam na condição de o sujeito não estar no escopo de um quantificador, pois este é um desencadeador. Além disso, a variação dá-se independentemente da forma como os sujeitos estão realizados (nomes próprios vs. comuns) ou do seu grau de definitude (definidos vs. indefinidos)<sup>14</sup>.

É precisamente nessas configurações onde, após a inserção do marcador da negação predicativa, competem entre si a adjacência clítico-verbo e a interpolação. Em suma, foram totalizados vinte e três exemplos da interpolação fora dos contextos da próclise obrigatória, repartindo-se da forma como nos indica o quadro 2. Abaixo do quadro, seguem-se os exemplos

Orações raiz com o marcador negativo pré-verbal	número de interpolações não-desencadeadas
Com uma subordinada anteposta	9
Introduzidas por uma conjunção coordenativa	2
Deslocação à esquerda clítica	3
Com um sujeito pré-verbal abertamente expresso	9
Total	23

**QUADRO 2.** Interpolação de *não* fora dos contextos da próclise obrigatória no PE clássico e na primeira metade do século XIX

(6a) *... fe acharão ao amanhecer a tiro de canhão de Campo Mayor, & fendo sentidos pelas guardas inimigas, ainda que lhes atirarão, **os não feguirão**, com que puderão*

<sup>11</sup> <http://purl.pt/1682> [13/10/2018].

<sup>12</sup> <http://purl.pt/14346> [17/10/2018].

<sup>13</sup> <http://purl.pt/14346> [17/10/2018].

<sup>14</sup> No entanto, surgem algumas dúvidas quanto às sequências encabeçadas por pronomes sujeitos. Nas variedades ibero-românicas os pronomes sujeitos tendem a inserir-se na posição pré-verbal com o intuito de assinalar o foco estreito (contrastivo; Gupton 2014: 141), o qual igualmente desencadeia a próclise (Duarte e Matos 2000: 117-119). Ao que parece, no português clássico, nas frases iniciadas por um pronome-sujeito, a próclise podia ser obrigatória, isto pelo menos nalguns casos (veja-se igualmente Vigário 2003: 54-55).

*recolherfe á pequena Praça de Ouguela ... (1714. Relaçam da campanha de Alem-Tejo no Outono de 1712; pág. 17)*<sup>15</sup>

- (6b) *Eu quis representar com todo o encarecimento a S. Mageftade, e pedir a V Senhoria, não fô que acabaffe D. Pedro o feo governo, mas que continuaffe nelle por muito mais tempo, e o não fiz, porque me convinha por noffa amizade, e não era rafaõ que lhe pagaffe as obrigações (1735. Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu (Volume 1); Carta XVII. Ao Bispo do Japaõ; p. 149)*<sup>16</sup>
- (6c) *E quanto ao juramento, da obediência, & fidelidade, que tinham dado nas ditas Cortes aos ditos Reys Catholicos de Castella, os não ligaua, nem obrigaua, ... (1641. Asento feito em cortes pelos tres estados dos Reynos de Portugal; pág. 22)*<sup>17</sup>
- (6d) *..., e fe fizerem petição para os admitirem, a Meza o não farà sem pagarem o que deverem. (1749. Compromisso da irmandade da Gloriosa Virgem ... Cap. XV; pág. 40)*<sup>18</sup>

A não adjacência do clítico ao verbo fora dos contextos da próclise obrigatória tão-pouco condiz com as análises da interpolação em termos da colocação enclítica dos pronomes em relação a vários elementos da periferia esquerda da frase (a posição C° dalgumas versões do programa minimalista; veja-se Modesto 2012: 137) nas línguas românicas arcaicas. O raciocínio aqui referido fundamenta-se na convicção que os clíticos têm uma natureza afixal sendo, por isso, incorporados num núcleo (ora I°, ora, preferivelmente, C°). Assim sendo, a ênclise tanto ao verbo conjugado como ao complementador funciona de forma igual: no caso de o verbo ser movido para o C°, o pronome ocorre enclítico e posposto a ele. Caso o C° já esteja ocupado por um outro elemento, o verbo fica no I°, enquanto o pronome ocorre pré-verbal e enclítico ao item localizado no C°, por exemplo ao complementador (Hinzelin 2010: 337). Em ambas as hipóteses, o pronome não é movido. Opõem-se ao esquema aqui exposto não só os casos da ausência de desencadeador, mas igualmente os casos da não adjacência do desencadeador (complementador) e do pronome pré-verbal nas sequências com a interpolação.

Apesar de a última ocorrência da interpolação não desencadeada datar de 1759, o recuo do modelo não foi imediato. Iremos demonstrar que o processo se arrastou, no mínimo, por vários decénios. Ao ser comparada com o número global das ocorrências da interpolação (580), a que se dá fora dos contextos da próclise obrigatória é igual a apenas 3,96 por cento. Assim parece confirmar-se a opinião de A. M. Martins, que diz que os casos deste tipo tiveram uma presença reduzidíssima ao longo da história do PE. No entanto, este desequilíbrio deve-se, antes que tudo, ao método por meio do qual se realiza o cálculo. Para se poder chegar a resultados mais esclarecedores, é essencial ter-se em linha de conta o enquadramento sintático que mais frequentemente (embora não exclusivamente) hospeda as interpolações.

As orações dependentes é que ultrapassam, de longe, os demais tipos de contextos no período descrito. Na maioria dos casos, por essas orações serem iniciadas por um

15 <http://purl.pt/26483> [19/10/2018].

16 <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4527> [17/10/2018]. Ainda que a edição date do século XVIII, o texto foi escrito no século anterior.

17 <http://purl.pt/12093> [13/10/2018].

18 <http://purl.pt/24981> [19/08/2018].



complementador, trata-se da interpolação desencadeada. Com efeito, as conjunções e as preposições obrigam a antepor o pronome, vedando assim a possibilidade de haver interpolação não desencadeada. Por isso, a medição deve realizar-se comparando os contextos iguais. Com tal intuito, apenas serão tomadas em conta as orações principais, totalizando-se nelas as ocorrências da adjacência clítico-verbo a seguir a um marcador de negação predicativa. Além do mais, é excluída a presença de um outro desencadeador de próclise (por lidar-se neste caso com a próclise obrigatória). Do mesmo modo, as sequências tidas em conta não podem ser encabeçadas pelo mero marcador da negação. Naquela hipótese, teriam de competir entre si as sequências: não-clítico-verbo e clítico-não-verbo, colocando-se, no segundo modelo, o pronome no início absoluto de uma frase, o que nunca foi permitido na sintaxe do PE. Por fim, não pode o marcador da negação ser precedido por um quantificador (um sintagma quantificado) nem por constituintes adverbiais<sup>19</sup>.

Em suma, tratar-se-á aqui das sequências X-não-cl-verbo, em que a posição X é preenchida pelos constituintes iguais aos que foram mencionados no quadro 2 acima: as subordinadas antepostas, os sujeitos pré-verbais não quantificados, as conjunções coordenativas, bem como os tópicos fronteados, retomados por um clítico. Assim se chega aos seguintes resultados:

Orações raiz com o marcador da negação predicativa	Número das sequências não-clítico-verbo
Com uma subordinada anteposta	43
Introduzidas por uma conjunção coordenativa	20
Deslocação à esquerda clítica	0
Com um sujeito preverbal abertamente expresso	24
Total	87

**QUADRO 3.** Adjacência clítico-verbo nas orações raiz X-não-cl-verbo no PE clássico e no início da fase moderna

(7a) ... mas ja que não sabem governar fobre o que he de terra, **não fe intremetão a dar leys ás almas ...** (1759. Manoel Joseph de Paiva. *Infermidades da Lingua, Seista Vizita*; p. 104)<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Daí é que não se pôde considerar não desencadeada a interpolação na frase ‘..., mas quizerão diffimular este intento, não metendo aquella tarde mais guardas, que com finco bandeyras, & o numero de gente costumado: mas os fitiados **fe não defcuydáraõ**, & lançáraõ mais fincoenta carros de lenha ao pé da brecha, ...’ (1714. *Relaçam da campanha de Alem-Tejo no Outono de 1712*; pág. 40; purl.pt/26483). Mais do que ser uma conjunção coordenativa, *mas*, na realidade, funciona aqui com o valor de advérbio adversativo ou concessivo, equivalente a *no entanto*, *porém*. Tais expressões tendiam a desencadear a próclise na época aqui discutida. Aliás, nas épocas passadas da história do PE a classe de advérbios proclisadores parece ter sido muito mais numerosa do que hoje em dia.

<sup>20</sup> <http://purl.pt/29106> [15/10/2018].

- (7b) *Os fixos misturão-se com a terra, e não nos são damnosos ...* (1800. Vicente Coelho de Seabra da Silva Teles. *Memoria sobre os prejuizos causados pelas sepulturas ...*; p. 37)<sup>21</sup>
- (7c) *Mas os bravos da Gironda não se intimidão com espectros* (1810–1811. José Accursio das Neves. *Historia geral da invasão dos francezes ...* t.I, Ch. XXII; p. 280)<sup>22</sup>

A falta dos exemplos da configuração (iii) atribui-se ao tamanho do *corpus*. Assim, a interpolação de *não* sem desencadeador e a adjacência clítico-verbo a seguir a *não* sem outros desencadeadores distribuem-se numa proporção igual a 1 : 3.78 (23 vs 87 ocorrências). A estatística diz apenas respeito aos contextos de variação livre entre a próclise e a ênclise. Resumindo, apesar de a adjacência representar a opção por de-feito, a interpolação não desencadeada não foi um padrão marginal, espoliado de interesse<sup>23</sup>.

Por fim, importa ser observada com mais pormenor a variante (IV). O *corpus* contém quatro frases-raiz com um pronome-sujeito a preceder a sequência clítico-*não*. Dois desses exemplos provêm de uma comédia publicada em 1804, algumas décadas após 1759, data da última ocorrência da interpolação fora dos contextos de próclise obrigatória. Segundo demonstram alguns estudiosos (veja-se, por exemplo, Kragh e Schøsler 2015: 267–268), o teatro representa o género de escrita que mais se aproxima da linguagem falada. Essas ocorrências teriam então de ser interpretadas como indicadoras dos enquadramentos discursivos nos quais a interpolação fora dos contextos de próclise obrigatória se conservou com mais persistência. Além do mais, de um exemplo para o outro reaparece um só pronome sujeito (*eu*) acompanhado por um só clítico (*o*), sugerindo porventura a presença de uma fórmula quase fixa. É igualmente de estranhar que, em ambos os textos onde foram descobertos esses exemplos, apareça também a próclise padrão (veja-se 8b e 9c) a seguir a um pronome sujeito em iguais condições sintáticas. Desta forma, não se afigura tarefa fácil acertar nos critérios que regem uma distribuição tão instável.

- (8a) *...; eu o não tenho para fer mais largo* (1650. 1735. *Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu* (Volume 1); Carta IV. *Ao mefmo Minifstro*; p. 46)<sup>24</sup>

21 <http://purl.pt/11500> [15/10/2018].

22 <http://purl.pt/12098> [19/10/2018].

23 Além do mais, pelo menos até ao início do PE moderno não era raro as subordinadas completivas serem iniciadas sem que ocorresse o complementador *que*. Naquelas circunstâncias, a interpolação era também praticada apesar de não haver desencadeador abertamente expresso. Veja-se ..., *cõ proteftos, lhe foi requerido o não fizeffe ...* (1644. *Relaçam em que se refere parte dos gloriosos successos, ...*; p. 3; [purl.pt/12510](http://purl.pt/12510)), *Já ponho ponto, & finto me não occorreffe de antes, ...* (1736. Fr. João Manoel. *Vaticinio exposto, confirmado, e defendido ...*; p. 22; [purl.pt/6819](http://purl.pt/6819)). Ao que parece, o fenómeno ainda não recebeu abordagem sistemática alguma relativamente ao PE. Contudo, estruturas similares foram observadas no francês arcaico, recebendo uma descrição aprofundada por D. Arteaga (2009: 23–27). Fica por examinar se existe equivalência entre as omissões de *que* em ambas as línguas.

24 <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4527> [15/10/2018].



- (8b) **Eu não me** esquecerey nunca de o rogar affim a Deos (1652. 1735. *Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu* (Volume 1); Carta VII. *Ao Principe*; p. 59)<sup>25</sup>
- (9a) Florinda: **Eu o não** creio. (1804–1810. Manuel de Figueiredo. *Escola da Mocidade II*, 12; p. 139)<sup>26</sup>
- (9b) Octavio: **Eu o não** acho ... (ibid. II, 16; p. 150)
- (9c) Damiana: **Eu não o** digo. (ibid. II, 4; p. 123)

O PE atual proíbe a interpolação em tais contextos. Coloca-se aqui o problema: porque é que se agrupam sequências tão distintas numa peça de teatro dos princípios do século XIX, imitando o percurso das conversas quotidianas vivas? Os pronomes sujeito, no caso de estarem presentes, permitiam que os falantes retratassem de várias maneiras as suas intenções comunicativas, ora introduzindo focos ('a resolution for a variable left open in previous discourse', López 2009: 28), ora voltando às informações altamente previsíveis que já tinham sido inseridas ou pressupostas no contexto prévio. Com efeito, alguns dos usos registados no *corpus* assemelham-se aos tópicos pendentes (ingl. *hanging topics* 'quanto a mim, eu não o creio'). Quer isto dizer que, antes de adquirirem a sua posição moderna, os pronomes-sujeito, por vezes, ocorriam com um caráter não argumental (de Andrade 2018: 102). Por isso, tiveram um efeito semelhante ao dalguns advérbios e quantificadores atuais, desencadeando a próclise. É um assunto que fica para indagar e esclarecer num estudo futuro.

## 5. INTERPOLAÇÃO E MUDANÇAS NA POSIÇÃO PRÉ-VERBAL

Ao serem examinadas, a adjacência clítico-verbo e a interpolação não se distribuem em partes iguais pelos 784 contextos propiciadores registados no *corpus*. A adjacência atinge somente 26,02 por cento (204 ocorrências) deles, ao passo que a interpolação é acentuadamente maioritária, verificando-se 580 ocorrências dela (73,97 por cento). A proporção global de ambos os padrões é igual a 2,84 : 1 a favor da interpolação. Apesar de serem semanticamente indistintos, os dois modelos lineares opunham-se pelos clíticos que de preferência neles se hospedavam. Assim, são os pronomes objeto direto da 3ª pessoa que mais tendiam a ocorrer separados do verbo pelo marcador negativo. Os demais clíticos (incluindo os agrupamentos) exibiam uma distribuição mais equilibrada.

O quadro 4 demonstra que os *itens* da série *o, a, os, as* ocorrem antepostos a *não* em 83,52 por cento de casos possíveis. Os restantes pronomes ora não se desviam significativamente da média, ora o escasso número das suas ocorrências não legitima que daí se retirem conclusões. Uma vez subtraídos os pronomes da 3ª pessoa-objeto direto, às 433 interpolações correspondem os 175 casos de adjacência clítico-verbo (frequência da interpolação igual a 71,21 por cento). À primeira vista, a distância entre 71,21 e 83,52 não parece radical. No entanto, basta que estes resultados sejam convertidos em proporções para que se evidencie a diferença. Os clíticos *o, a, os, as* associam-se

25 <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4527> [18/10/2018].

26 <http://purl.pt/11977> [17/08/2018].

	número de ocorrências	clítico-não-verbo	não-clítico-verbo	não-verbo-verbo-clítico
agrupamentos	19	15 (78.94 %)	3 (15.78 %)	1 (5.26 %)
lhe, lhes	79	61 (77.21%)	14 (17.72%)	4 (5.06%)
me	57	46 (80.70%)	8 (14.03%)	3 (5.26%)
nos	37	28 (75.67%)	7 (18.91%)	2 (5.40%)
te	9	6 (66.6 %)	3 (33.3%)	
vos	20	12 (60 %)	6 (30 %)	2 (10 %)
se	387	265 (68.47%)	96 (24.80%)	26 (6.71%)
o, a, os, as	176	147 (83.52%)	20 (11.36%)	9 (5.11%)
	784	580	157	47

**QUADRO 4.** Número de ocorrências e frequência da interpolação de vários pronomes (1614-1858)

à interpolação numa proporção de 5,06 : 1, ao passo que os demais pronomes atingem apenas a proporção de 2,47 : 1. O problema que aqui se coloca é o de saber porque vários clíticos se distribuíam de forma tão desigual por padrões lineares distintos.

No que se segue, a interpolação será encarada sobretudo em relação aos pronomes da série *o, a, os, as*. Uma primeira aproximação permitindo esclarecer a sua sobre-representação dentro do padrão ‘clítico-não-verbo’ consiste no exame da estrutura silábica das sequências *não o, não a, não os e não as*. O marcador da negação tem num núcleo ramificado e uma coda vazia, enquanto os pronomes se reduzem à mera rima. Hoje em dia, ao serem justapostos uma forma verbal terminada num ditongo nasal e um pronome átono iniciado por uma vogal (excluindo as outras expressões, mesmo no caso de terem uma estrutura silábica igual à dos clíticos; veja-se 10b), surgem as mudanças alomórficas (Luís e Kaiser 2016: 221).

- (10a) *Convidaram-nas* (\**Convidaram-as*)  
 (10b) *Convidaram as vizinhas* (\**Convidaram nas vizinhas*)  
 (10c) *Convidou-as* (\**Convidou-nas*)

Nas fases anteriores da história do PE, tal costumava ocorrer igualmente na posição pré-verbal. Acrescia ao pronome objeto direto da 3ª pessoa o ataque nasal [n]. A alteração dava-se após alguns desencadeadores de próclise: o relativo-interrogativo *quem*, o segundo membro das coordenações correlativas negativas *nem* (11b)<sup>27</sup>. No entanto, a expressão que mais desencadeava a alomorfa dos pronomes da 3ª pessoa na posição pré-verbal era o marcador *não* (11a-b).

27 Ao lado do acréscimo do ataque [n], uma outra mudança alomórfica afetava as sequências pré-verbais constituídas pela preposição *por* e os pronomes-objeto direto de 3ª pessoa. Veja-se o exemplo: ‘... hũa petiçam affinada per duzentos cidadãos, em que todos pediaõ o mofteiro, **polo naõ** auer neftas partes, ...’ (1640. *Relaçam verdadeira do milagroso portento*; p. 6; <http://purl.pt/16740> [18/10/2018]).





- (11a) ... **naõ no** fazendo desde o dia que lhe puzerem a dita pena ... (1639. Regimento dos Juizes das Aldeas, e Julgados do Termo; p. 6)<sup>28</sup>
- (11b) ... se p(er)ventura se p(er)der ou ouerẽ subr'elha alguma dolta ou duuida possa seer prouado pella nota ond(e) foy sacada [e] aquella **nõna mostre nẽna tena** en logar u a ueya nenhũa das partes (século XIII. Foro Real. Liv. 1, Cap. 8, Fól. 79v)<sup>29</sup>

É óbvio que no português clássico nem em todas as ocorrências de *não o*, *nem o*, *quem o* se produziu tal efeito (veja-se 12a-b). A ligação parece ter sido realizada à vontade dos falantes, tendo as realizações com e sem o ataque nasal no pronome, na melhor das hipóteses, o estatuto de variantes livres.

- (12a) ..., e de **quem a obrava** &c. e que cõmunicando V Excellencia estas cartas, chegara de maõ em maõ o que nellas se dizia a parte, onde de tudo se fizera ... (1735. Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu (Volume 1); Carta XVIII. Ao Duque do Cadaval; pág. 153)<sup>30</sup>
- (12b) Tambem affim auzentes e divididos naõ podem os Indios ser doutrinados, e vivem sem conhecimento da Fé, nem ouvem Miffa, **nem a tem** para a ouvir (1735. Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu (Volume 1); Carta X. A ElRey; pág. 84)<sup>31</sup>

Seja como for, o processamento das sequências acima descritas não se baseava somente na estrutura silábica dos seus elementos. Pelo contrário, estendia-se também pelas demais áreas da gramática. Comprovam-no os vocábulos funcionais terminados num núcleo nasal ramificado (um ditongo) diretamente antepostos aos pronomes complemento direto da 3ª pessoa. Ainda que estes vocábulos usufruam do estatuto de desencadeadores de próclise, a alteração não se produz. Tal abrange a preposição *sem* [sẽj], bem como os advérbios *bem* [bẽj] e *também* [~bẽj]. Por outras palavras, não se documentam sequências como ‘*sem na ver*’ (< *sem a ver*) ou ‘*Bem nas notei*’ (< *bem as notei*; cf. 13a-b). Assim sendo, o acréscimo do ataque [n] foi sensível também à categoria gramatical do desencadeador. Por oposição ao que acontece com a inserção do [l] e o apagamento do [r] nas sequências *por o > polo* (veja-se a nota de rodapé 27), no caso discutido, apenas um pronome interrogativo / relativo e duas palavras negativas tiveram o poder de acrescentar, e ainda por cima de um modo imprevisível, um ataque nasal aos pronomes clíticos pré-verbais.

- (13a) ... *não vio criado algum nella para dar recado ao Arcebispo* & **fem o faber** entrou no apofento, ... (1614. Nicolao Agostinho. *Relaçam summaria da vida do ... Senhor Dom Theotonio de Bragãça*. Ch.XIV; p. 124)<sup>32</sup>

28 <http://purl.pt/30213> [12/10/2018].

29 <http://cipm.fcsh.unl.pt> [17/10/2018].

30 <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4527> [24/10/2018].

31 <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4527> [12/10/2018].

32 <http://purl.pt/11490> [14/10/2018].

- (13b) ...; e eu **tambem o achey** nos *Athlas*, e no *correcto Diccionario de Evignè na palavra Tartaria*, ... (1759. *Raridades da natureza, e da arte*, ... Parte I Terra §. XXXV. *Plantas viventes*; pág. 247)<sup>33</sup>



As alternâncias *quem o / quem no, não o / não no, nemno / nem o* interpretam-se como o desfecho da atuação de muitas regras contraditórias. Além dos fatores fonológicos, também incidu no processamento destas combinações o conhecimento das alterações que afetam os pronomes objeto direto na posição pós-verbal. Parece ter-se manifestado a vontade, motivada pelo comportamento dos demais pronomes, de conferir uma forma igual aos clíticos independentemente da sua colocação relativamente ao verbo. Por falta de um método estável no processamento da configuração *não* — clítico da 3ª pessoa (aprendizagem maquinal, analogia, intuição), coexistiam realizações divergentes dos clíticos pré-verbais.

A interpolação consiste na interversão da ordem das sílabas que formam as sequências acima discutidas. No que respeita aos pronomes complemento direto da 3ª pessoa, os falantes ganharam deste modo a possibilidade de se descartar das combinações problemáticas. Uma vez eliminados os encadeamentos [nẽwũ] e [nẽwũn], deixou de se colocar a questão da forma que se havia de conferir ao clítico. É a explicação da sobre-representação dos objetos diretos da 3ª pessoa na interpolação. Esta praticava-se inclusive em detrimento do parâmetro da adjacência clítico-verbo. Ao mesmo tempo, não era à toa que os demais pronomes costumavam associar-se com menos frequência a este padrão linear. Por nenhum deles apresentar um ataque vazio, a sua composição silábica não permitia que sofressem alterações. Ao longo da história do PE, a forma dos restantes pronomes (exceto a divergência *lhe* e *lhes*, tendo o primeiro sido usado igualmente com o valor do plural; Martins 2016a: 13-14) manteve-se inalterada tanto na próclise como na ênclise. Além disso, vieram acrescentar-se a todos estes fatores as propriedades semânticas peculiares do marcador da negação predicativa.

O presente estudo não pretende ficar neutro perante como atuava a tendência de se evitar a alomorfa dos clíticos pré-verbais. A hipótese aqui defendida é que o recuo da alomorfa teve um caráter incidental. Por ambas as estruturas — *o não* e *não o* (*não no*) — não ocorrerem simultaneamente num só contexto propiciador, a presença de uma delas obstava automaticamente ao uso da outra. Parecem confirmar-se neste ponto algumas teorias de mudança gramatical (*usage-based theories of grammatical change*; veja-se p.ex. Bybee 2011: 69-71), onde a essência do processo consiste no cúmulo dos usos de uma estrutura inovadora. Uma vez que se ultrapassa um número crítico de ocorrências de uma estrutura em progressão, enraíza-se uma mudança duradoura (“observable manifestation of grammar innovations in speech”; Andersen 2001: 225). A evolução que assim decorre não implica que os falantes atuem de forma premeditada. Assim sendo, a diminuição do número dos casos da inserção do [n] em ataque nos pronomes pré-verbais é o mero efeito secundário da popularidade da interpolação de *não* nas sequências com os clíticos objeto direto da 3ª pessoa.

Cada uma das sequências atestadas no português clássico e no início da fase moderna, isto é *que o não viu*, *que não no viu* e *que não o viu* representa a dominância de

<sup>33</sup> <http://purl.pt/13915> [17/10/2018].



um outro parâmetro organizador da gramática dos clíticos. Como já aludido, a variação deve-se ao facto de estes parâmetros não terem podido ser satisfatoriamente aplicados em simultâneo. Procurando alcançar os seus objetivos comunicativos, os falantes ora privilegiavam um dos parâmetros, ora outros, sempre em detrimento dos restantes. Eis a rede

A realização das sequências com o pronome objeto direto da 3ª pessoa	Parâmetro dominador		
	Realizações pré- e pós-verbais do pronome iguais em contextos fonéticos iguais	Adjacência clítico-verbo	Colocação pós-lexical (excluindo a alomorfa) dos clíticos pré-verbais; forma homogênea do clítico na posição pré-verbal
(desencadeador) — <i>não</i> — clítico — verbo (com alomorfa do clítico)	+	+	-
(desencadeador) — <i>não</i> — clítico — verbo (sem alomorfa)	-	+	+
(desencadeador) — clítico — <i>não</i> — verbo (interpolação)	-	-	+

**QUADRO 5.** Relação dos três padrões lineares com referência aos parâmetros organizadores da colocação dos clíticos no PE

## 6. OBSERVAÇÕES DE ENCERRAMENTO

O raciocínio acima exposto tem uma índole funcionalista na medida em que a algumas mudanças gramaticais se atribui uma finalidade — certas reestruturações que afetam a gramática são julgadas úteis para um processamento menos dificultoso da linguagem. Praticando-as, os falantes obviam às dificuldades ocasionadas por uma composição gramatical concorrente. No entanto, isto não quer dizer que o processo decorreu de forma premeditada. Assim sendo, a interpolação não deve ser considerada um método especialmente elaborado visando afastar as dúvidas quanto à forma como se devem revestir os proclíticos.

Segundo sugerem os dados recolhidos no *corpus*, mais do que representar etapas sucessivas, ambas as realizações — o *não* e *não no* — coexistiam, assumindo as suas funções específicas. Consoante o método do processamento que lhes parecesse preferível, os participantes num ato comunicativo ora privilegiavam um dos padrões, ora o seu concorrente. A variante ‘*não no*’ satisfazia o requisito de um processamento igual dos pronomes independentemente da sua posição relativamente ao verbo. Em contextos fonéticos idênticos, o pronome revestia-se de uma só forma, adquirindo um ataque nasal no caso de lhe anteceder um ditongo nasal (veja-se igualmente o conceito de ‘*uniqueness of realization*’; Thornton 2011: 360–361). Além do mais, a alo-

morfia do pronome pré-verbal condisse com o parâmetro de adjacência do clítico ao verbo

- (14a) *A senhora Beatriz dá uma volta, suspira alto e elucida-me: ninguém ensina à gente; umas há que têm esse condão e outras que **não no têm*** (1956. Irene Lisboa, *O Pouco e o Muito: Crónica Urbana*).<sup>34</sup>
- (14b) **Viram-na**

Pelo contrário, a deslocação do pronome para diante do marcador da negação acabou com a integridade da combinação clítico-verbo. Deu-se assim um passo essencial para uma colocação exclusivamente pós-lexical dos proclíticos (Gerlach 2002: 61–63). Além do mais, sendo vedada a inserção do ataque nasal nas sequências *o não, a não*, etc. deixaram de ser mantidos os laços que uniam o pronome com alguns dos desencadeadores. Tal sequenciamento representa igualmente um ganho comunicativo. Ao processarem os pronomes pré-verbais, os falantes encontram-se dispensados de acertar nas expressões propiciadoras da alomorfia do pronome da 3ª pessoa. Como é sabido, a seleção das expressões capazes de a induzir foi uma questão delicada. Não bastava fiar-se na estrutura silábica dos desencadeadores. Ao lado dela, importava igualmente a sua categoria sintática, sendo o acréscimo do [n] excluído na vizinhança das preposições e advérbios (*bem, também, sem*). Mesmo assim, a alomorfia nunca foi sistemática a seguir a *não, nem, quem*. A interpolação de *não*, praticada sobretudo nas sequências com *o, a, os, as*, pôs fim a tanta complexidade.

Falta ainda verificar quais os desfechos quantitativos da evolução acima retratada no português moderno. Os resultados baseiam-se mais uma vez nos dados extraídos do *corpus*. Com esse intuito, foi pesquisado o acervo do *corpusdoportugues.org*. A sua versão presentemente acessível apenas abrange os séculos XIX e XX (o *subcorpus* ‘Genre / Historical’). Cronologicamente, esta faixa corresponde à interpolação moderna com a sua forte propensão para privilegiar as expressões deíticas. No que respeita à inserção do ataque nasal aos pronomes objeto direto, o *subcorpus* ‘Web / Dialect’ não oferece exemplo algum. Foram incluídos na busca dois lexemas — *quem* e *não*. Numa primeira etapa, procuraram-se as variantes alomórficas. Das oito configurações possíveis (*quem no, quem na, quem nos, quem nas* e *não no, não na, não nos, não nas*), só seis foram tidas em consideração. *Quem nos* e *não nos* foram deixados fora da análise devido à ubíqua homonímia com o pronome da 1ª pessoa do plural. Como seria de esperar, apesar de realizável, a seleção foi demasiadamente custosa em proporção com o resultado esperado.

A pesquisa conduzida no *subcorpus* ‘Genre / Historical’ deu 28 resultados (*quem no* — 6, *quem na* — 3, *quem nas* — 5, *não no* — 5, *não na* — 5, *não nas* — 4). Todos eles foram descobertos na secção ‘Fict’, destinada a acolher a produção literária. Em contraponto, não se conseguiram exemplos nas demais secções (‘oral’, ‘acad’ e ‘news’, que só incluem os dados do século XX). Os resultados são indicadores do perfil sociolinguístico e diafásico da alomorfia pré-verbal dos pronomes. É interessante o facto de dominarem os exemplos da segunda metade do século XX, o que comprova a sobrevivência

34 <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen> [14/10/2018].



residual do fenómeno. No entanto, uma análise mais pormenorizada demonstra que todas as ocorrências provêm das obras literárias, sendo na maioria dos casos localizadas nos diálogos ou nas cenas que, de outra forma, pretendem imitar a comunicação oral. A presença das variantes alomórficas naqueles contextos parece, um tanto ou quanto, surpreendente, visto que a secção ‘oral’ não oferece ilustração alguma. Está aqui a tratar-se, porventura, das tentativas dos autores de reconstruir o decurso das conversas da ‘vida real’. Seja como for, a inserção do ataque nasal no pronome objeto direto não é um padrão completamente extinto.

(15) *Pobrezinha, anda sem ter quem na aconselhe* (1921. Júlio Dantas, *Os Galos de Apollo*)<sup>35</sup>

Numa segunda etapa, foram procuradas as realizações ditas ‘normais’. Obviamente, ultrapassam muitas vezes a presença das variantes alomórficas. As sequências *não o*, *quem o*, etc. estão presentes em todas as secções, estendendo-se assim por todos os registos, graus de formalidade e tipos de contexto. Desta forma, a sua presença não se restringe ao *subcorpus* ‘Genre / Historical’, tendo igualmente um grande número de incidências no *subcorpus* ‘Web / Dialects’. É difícil totalizar o número global das ocorrências. Por exemplo, 482 resultados foram obtidos para a sequência *não a* (unicamente pronome) apenas no *subcorpus* ‘Genre / Historical’. Adicionalmente, a busca foi limitada ao século XX. Este desequilíbrio estatístico deve-se, entre outros, à interposição que tanto afetou os clíticos *o*, *a*, *os*, *as* no português clássico.

## REFERÊNCIAS

- Andersen, H. (2001) Actualization and the (uni)directionality of change. In: Andersen, H. (ed.) *Actualization. Linguistic Change in Progress. Papers from a workshop held at the 14th International Conference on Historical Linguistics, Vancouver, B.C., 14 August 1999*, 225–248. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins.
- Anderson, S. (2005) *Aspects of the Theory of Clitics*. Oxford: Oxford University Press.
- Arteaga, D. (2009) On the existence of null complementizers in Old French. In: Masullo, P. J., E. O’Rourke, e Ch-H. Huang (eds) *Romance linguistics 2007: Selected Papers from the 37th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL), Pittsburgh, 15–18 March 2007*, 19–36. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins.
- Bybee, J. (2011) Usage-based Theory and Grammaticalization In: Narrog, H. e B. Heine (eds) *The Oxford Handbook of Grammaticalization*, 69–78. Oxford: Oxford University Press.
- Castro, I. (2006) *Introdução à história do português* (2<sup>nd</sup> ed). Lisboa: Edições Colibri.
- Costa, J. e A. M. Martins (2010) Middle scrambling with deictic locatives in European Portuguese. In: Bok-Bennema, R., B. Kampers-Manhe e B. Hollebrandse (eds) *Romance Languages and Linguistic Theory 2008. Selected papers from ‘Going Romance’ Groningen 2008*, 59–76. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins.
- de Andrade, A. (2018) A special type of left dislocation in Galician and Portuguese: the

35 <https://archive.org/details/osgalosdeapollo00dant> [14/10/2018].

- D-construction. *Estudos de Lingüística Galega* Volume especial I, 81-105.
- Donaldson, B. (2014) Socio-stylistic reflexes of syntactic change in Old French. *Journal of French Language Studies* 24 (3), 319-345.
- Dryer, M. S. (1988) Universals of negative position. In: Hammond, M., E. Moravcsik e J. Wirth (eds) *Studies in Syntactic Typology*, 93-124. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins.
- Duarte, I. e G. Matos (2000) Romance Clitics and the Minimalist Program. In: Costa, J. (ed.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*, 116-142. Oxford: Oxford University Press.
- Fiéis, A. (2001) Interpolação em Português Medieval como Adjunção a XP. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 197-211. Lisboa, Colibri-APL.
- Gerlach, B. (2002) *Clitics between syntax and lexicon*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins.
- Gupton, T. (2014) Preverbal subjects in Galician: Experimental data in the A vs. A' debate. *Probus* 26(1), 135-175.
- Harris, J. e M. Halle (2005) Unexpected Plural Inflections in Spanish: Reduplication and Metathesis. *Linguistic Inquiry* 36(2), 195-222.
- Hinzelin, M.-O. (2007) *Die Stellung der klitischen Objektpronomina in den romanischen Sprachen. Diachrone Perspektive und Korpusstudie zum Okzitanischen sowie zum Katalanischen und Französischen*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- Hinzelin, M.-O. (2010) L'interpolation dans les langues romanes: aspects diachroniques. In: Iliescu, M., H. Siller-Runggaldier e P. Danler (eds) *Actes du XXVe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes. Innsbruck, 3-8 septembre 2007*, t. II, 331-339. Tübingen: Niemeyer.
- Koch, P. e W. Oesterreicher (2011) Die einzelsprachlichen Merkmale des gesprochenen Französisch, Italienisch und Spanisch in diachronischer und synchronischer Perspektive. In: Koch, P. e W. Oesterreicher. (eds) *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*, 135-272. Berlin-New York: De Gruyter.
- Kragh, K. e L. Schøsler (2015) Reagrammation and paradigmaticization: Diachronic analysis of a number of progressive periphrases in French. *Journal of French Language Studies* 25(2), 265-293.
- Ledgeway, A. (2012) Configurationality and the rise of constituent structure. In: Ledgeway, A. (ed.) *From Latin to Romance: Morphosyntactic Typology and Change*. Oxford: Oxford University Press.
- López, L. (2009) *A Derivational Syntax for Information Structure*. Oxford: Oxford University Press.
- Luís, A. (2014) On clitic attachment in Ibero-Romance. Evidence from Portuguese and Spanish. In: Amaral, P. e A. M. Carvalho (eds) *Portuguese-Spanish Interfaces: Diachrony, synchrony and contact*, 203-235. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins.
- Luís, A. e G. Kaiser (2016) Clitic Pronouns: Phonology, Morphology, and Syntax. In: Wetzels, W.L., S. Menuzzi e J. Costa (eds) *The Handbook of Portuguese Linguistics*, 471-486. West Sussex: John Wiley & Sons, Inc.
- Magro, C. (2010a) Interpolação & Cia nos dialectos do Português Europeu. *Estudos de Lingüística galega* 2, 97-119.
- Magro, C. (2010b) When corpus analysis refutes common beliefs: The case of interpolation in European Portuguese dialects. *Corpus* 9, 115-135.
- Martins, A. M. (1994) *Clíticos na História do Português*. Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Tese de Doutoramento).
- Martins, A. M. (2000) A Minimalist Approach to Clitic Climbing. In: Costa, J. (ed.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*, 169-190. Oxford: Oxford University Press.
- Martins, A. M. (2014) Syntactic Change in Portuguese and Spanish. Divergent and parallel patterns of linguistic splitting. In: Amaral, P. e A.M. Carvalho (eds) *Portuguese-Spanish Interfaces: Diachrony, synchrony and contact*, 35-64. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins.
- Martins, A. M. (2016a) Introdução: O português numa perspetiva diacrónica e comparativa.





- In: Martins, A.M. e E. Carrilho (eds) *Manual de linguística portuguesa*, 1–40. Berlin-Boston: De Gruyter.
- Martins, A. M. (2016b) A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In: Martins, A.M. e E. Carrilho (eds) *Manual de linguística portuguesa*, 410–430. Berlin-Boston: De Gruyter.
- Matos, G. (1999) Negative Concord and the Scope of Negation. *Catalan Working Papers in Linguistics* 7, 175–190.
- Matos, G. (2003) Aspectos sintáticos da negação. In: Mateus, M. H. M., A. M. Brito, I. Duarte e I. H. Faria (eds) *Gramática da Língua Portuguesa* (6.ª edição), 767–793. Lisboa: Caminho.
- Modesto, M. (2012) O programa minimalista em sua primeira versão. In: Figueiredo de Alencar., L. e G. de Ávila Othero (eds) *Abordagens computacionais da Teoria da Gramática*, 127–152. Campinas SP: mercado de Letras, Edições e Livraria Ltda.
- Raposo, E. (2000) Clitic Pronouns and Verb Movement. In: Costa, J. (ed.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*, 266–297. Oxford: Oxford University Press.
- Stark, E. (2013). Clitic subjects in French text messages. Does technical change provoke and/or reveal linguistic change? In: Kragh, K. J. e J. Lindschouw (eds) *Deixis and Pronouns in Romance Languages*, 147–170. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins.
- Thornton, A. (2011) Overabundance (Multiple Forms Realizing the Same Cell): A Non-Canonical Phenomenon in Italian Verb Morphology. In: Maiden, M., J-Ch. Smith, M. Goldbach, e M-O. Hinzelin (eds) *Romance Inflectional Morphology. Perspectives From Morphological Autonomy. Perspectives From Romance Inflectional Morphology*, 358–381. Oxford: Oxford University Press.
- Vigário, M. (2003) *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin-New York: De Gruyter.
- Zanuttini, R. (2001) Sentential Negation. In: Baltin, M. e C. Collins (eds) *The handbook of contemporary syntactic theory*, 511–535. Oxford-Malden: Blackwell.

### **Mikołaj Nkollo**

Faculdade de Línguas Modernas, Universidade Adam Mickiewicz

Collegium Novum, Al. Niepodległości 4, 61-874 Poznań

ORCID ID: 0000-0001-6686-2568

e-mail: mikon74@amu.edu.pl